

AS CONTRIBUIÇÕES DE ANDRÉ LEFEVERE E LAWRENCE VENUTI PARA A TEORIA DA TRADUÇÃO

Marcia do Amaral Peixoto Martins
PUC-Rio

Resumo: Este artigo apresenta, em linhas gerais, o pensamento de dois expoentes dos Estudos da Tradução contemporâneos: André Lefevere e Lawrence Venuti. Enfocam-se com especial destaque os conceitos de reescrita e patronagem de Lefevere e a preocupação com a invisibilidade do tradutor e o projeto de tradução minorizante de Venuti. Embora os dois estudiosos trilhem caminhos teóricos distintos, compartilham alguns pressupostos importantes, como uma visão pós-estruturalista de mundo e de linguagem e a percepção de que existe uma estreita interação entre a tradução e as práticas econômicas, os sistemas de patronagem e as forças atuantes no desenvolvimento da indústria editorial.

Palavras-chave: Teorias de tradução. Reescrita. Patronagem. Invisibilidade. André Lefevere. Lawrence Venuti.

Embora a atividade tradutória seja muito antiga, a elaboração de teorizações sistematizadas e, em especial, a consolidação dos Estudos da Tradução como área acadêmica constituem fenômenos bastante recentes. As primeiras evidências de tradução remontam a cerca de três milênios antes da era cristã, na Ásia Menor; os arqueólogos descobriram listas de palavras, com seus significados correspondentes, gravadas em tijolos de argila. Nas civilizações antigas, os escribas, que exerciam a maioria das funções administrativas, eram “os mestres da escrita, do ensino e da tradução” (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p.19). A prática tradutória só veio a se disseminar muitos séculos depois, com as traduções para o latim de textos gregos. O primeiro tradutor europeu conhecido foi Lívio Andrônico, escravo grego alforriado que produziu uma versão latina da *Odisseia* em 240 a.C. e é considerado o fundador da poesia épica romana. Um pouco mais tarde, em plena dominação romana, as reflexões de Cícero e Horácio inauguraram no Ocidente a discussão sobre traduções e o traduzir que foi se sofisticando paulatinamente a ponto de se mostrar, nos dias de hoje, excepcionalmente intensa e elaborada. Esse estágio, no entanto, demorou a ser alcançado. Durante muito tempo, o *corpus* de ideias sobre tradução disponível consistiu, quase que exclusivamente, em comentários de tradutores sobre suas próprias traduções, de modo geral em prefácios ou outros tipos de paratexto, que apresentavam impressões gerais, relatos de experiências pessoais e orientações sobre a melhor maneira de traduzir, a partir de um enfoque predominantemente prescritivo. Dentre as reflexões consideradas clássicas pelos estudiosos da tradução destacam-se muitas daquelas produzidas por autores de língua inglesa e alemã, como as de Martinho Lutero (século XVI), George Chapman e Ben Jonson (séculos XVI-XVII), Abraham Cowley e John Dryden (século XVII), Alexander Pope e Alexander Fraser Tytler (séculos XVII-XVIII), Friedrich Schleiermacher, August Wilhelm Schlegel, Wilhelm von Humboldt, Goethe, Arthur Schopenhauer e Matthew Arnold (século XIX) e, já no século XX, Ezra

[J1] Comentário: Citação direta curta.
Livro escrito por dois autores.

Pound, Walter Benjamin e teóricos contemporâneos da tradução, como André Lefevere, Susan Bassnett e Lawrence Venuti.

A proposta deste artigo é enfocar duas contribuições para a tradução produzidas em língua inglesa, selecionadas a partir da sua importância nos estudos contemporâneos. Trata-se do conjunto de ideias de André Lefevere e Lawrence Venuti, que serão esboçadas em linhas gerais, com destaque para os conceitos de *reescrita* e *patronagem* do primeiro e para a reflexão pioneira sobre a *invisibilidade do tradutor* do segundo. Cada um tem seu pensamento próprio e bastante particular, como se verá mais adiante; e embora não se pretenda fazer uma comparação sistemática entre ambos, pode-se dizer que suas abordagens têm em comum uma visão não essencialista da linguagem e do significado, e um entendimento da tradução como reescrita e transformação. Também é importante ressaltar que o foco principal deste trabalho recai sobre a reconstrução dessas ideias, mais do que sobre uma discussão aprofundada de determinados aspectos das mesmas, na medida em que se pretende levar autores e reflexões do campo da tradução a estudiosos de outras áreas.

As reflexões de Lefevere e Venuti surgiram nas últimas décadas do século XX, quando os Estudos da Tradução alcançaram o estatuto de disciplina independente (SNELL-HORNBY, 2006, p. 47; BASSNETT(-McGUIRE), 1991, p. xi) e passaram a desenvolver suas próprias teorias, metodologias e instrumentos de pesquisa, que até provinham de campos do saber como a filosofia, os estudos literários, a linguística, a antropologia. Nesse processo de amadurecimento, a relação dos estudos da tradução com áreas afins, inicialmente bastante assimétrica, foi assumindo outra feição, viabilizando o aporte de conhecimentos exógenos sem, contudo, provocar uma indesejada descaracterização da disciplina. Ao mesmo tempo, o saber gerado nesse recém-demarcado território — de fronteiras porosas, como todos os demais — mostra-se cada vez mais requisitado para informar outras áreas, que assim expandem suas respectivas bases de conhecimento. Assim, se para Bassnett e Lefevere “o crescimento dos Estudos da Tradução como disciplina autônoma é uma história de sucesso dos anos 1980”¹ (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. ix), por certo as ideias de Venuti e do próprio Lefevere, extremamente influentes no pensamento contemporâneo sobre a tradução, contribuíram para esse sucesso.

André Lefevere e os conceitos de reescrita e patronagem

André Lefevere, autor de *Translating Literature: The German Tradition from Luther to Rosenzweig* (Van Gorcum, 1977) e *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* (1992), entre outros títulos, e organizador, junto com Susan Bassnett, de *Translation, History and Culture* (1990) e *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation* (1998), integra o grupo de teóricos europeus que estabeleceram um novo paradigma para o estudo da tradução literária em meados dos anos 1970, com base em uma teoria abrangente e pesquisa prática contínua (HERMANS, 1985). Nessa década, como já observado, os estudos da tradução estavam se configurando como uma disciplina relativamente autônoma, o que impulsionou, no mundo inteiro, as pesquisas na área e a produção de uma ampla literatura sobre o assunto, incluindo livros e periódicos. Além disso, revistas científicas tradicionais na área de estudos de linguagem e de literatura interessaram-se em publicar edições temáticas sobre tradução. Ao mesmo tempo, tanto as teorias literárias, pragmáticas e comunicativas quanto a semiótica desenvolveram abordagens que contribuíram direta ou indiretamente para que os estudos da tradução passassem a operar não mais no nível da palavra ou do texto, mas sim da cultura e da história, e não mais com ênfase

[J2] Comentário: Citação indireta.

exclusiva no texto-fonte, mas trazendo o foco para o texto-meta e para o público-alvo da tradução.

Foi, portanto, pensando na questão da pragmática e da contextualização que os referidos teóricos — com destaque para os flamengos José Lambert, Lieven D’hulst, Raymond van den Broeck e Theo Hermans, juntamente com o próprio André Lefevere; para o israelense Gideon Toury; e para a britânica Susan Bassnett (-McGuire) (cf. HERMANS, 1999, p. 8 et seq.; SNELL-HORNBY, 2006, p. 47-50) — propuseram uma abordagem para estudar as traduções literárias que tomava como base a visão da literatura como sistema, desenvolvida pelos formalistas russos e retomada na década de 1970 por Itamar Even-Zohar, teórico da tradução israelense que formulou a teoria dos polissistemas.

As ideias do Círculo Linguístico de Moscou (1914-5) caracterizavam-se pela recusa do historicismo vigente no século XIX e de interpretações extraliterárias das obras, rompendo, assim, com a análise concebida em termos de causalidade mecânica, que trazia para as investigações do literário o biografismo, o psicologismo, a história literária e a sociologia, em nome de uma preocupação exclusiva com o texto (CARVALHAL, 1986, p. 43 e 46). Os formalistas russos estudavam a poética fundamentados pela teoria linguística de Saussure, estabelecendo a noção da linguagem poética como um sistema, ou seja, um conjunto de relações entre o todo e suas partes. Consideravam o texto um sistema fechado, do qual se deveria fazer uma análise interna, tendo como pressuposto subjacente o princípio da imanência da obra. O modelo proposto por Even-Zohar na sua tentativa de equacionar certos problemas muito específicos relacionados à teoria de tradução e ao complexo desenvolvimento da literatura hebraica (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 1) também partiu de uma concepção sistêmica da literatura, mas inspirada na segunda fase do formalismo russo, quando Yuri Tynianov procurou dotar o modelo de perspectiva histórica e levar em conta as realidades sociais. Para Even-Zohar, um sistema sociossemiótico pode ser concebido como uma estrutura aberta e heterogênea que se configura como um polissistema, ou seja, um sistema múltiplo composto de várias redes simultâneas de relações, um conglomerado de sistemas interdependentes estratificados hierarquicamente em função das relações intra- e inter-sistêmicas dos seus elementos (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 12 et seq.; GENTZLER, 1993, p. 115).

A abordagem para o estudo das traduções literárias proposta pelo grupo de teóricos do qual fazia parte André Lefevere, a partir da concepção de Even-Zohar da literatura como um polissistema inserido em outro maior, o da cultura, indentificava-se como descritivista e se desenvolveu na segunda metade dos anos 1970. Inicialmente apresentada em três encontros acadêmicos realizados, respectivamente, em Leuven (1976), em Tel-Aviv (1978) e em Antuérpia (1980), cujos trabalhos vieram a ser publicados mas com circulação restrita, essa abordagem alcançou maior visibilidade com a publicação, em 1985, da coletânea de ensaios organizada por Theo Hermans e intitulada *The Manipulation of Literature* (Croom Helm). O termo *manipulation* (manipulação) no título foi sugestão de André Lefevere, para ressaltar a convicção dos autores de que, “do ponto de vista do sistema receptor, toda tradução implica um certo grau de manipulação do texto-fonte, com um determinado objetivo” (HERMANS, 1985, p. 9). Na Introdução, a que deu o título de “Translation Studies and a New Paradigm”, Hermans frisa que os autores ali reunidos não formam propriamente uma “escola”, mas constituem um grupo de pessoas que compartilham alguns pressupostos básicos, embora esses não constituam, de forma alguma, uma questão de doutrina (ibid., p. 10). As afinidades que os unem são, em síntese:

[J3] Comentário: Cf. significa “confira, confronte, compare”.

[J4] Comentário: Citação indireta.

[J5] Comentário: Citação indireta. Referência a dois autores em livros diferentes.

[J6] Comentário: Citação direta curta.

[J7] Comentário: Usa-se *ibid* quando colocamos a seguir outra citação do mesmo livro. Neste caso, a página é diferente: a citação anterior era da página 9, esta é da página 10.

uma visão da literatura como um sistema dinâmico e complexo; a convicção de que deve haver uma interação permanente entre modelos teóricos e estudos de caso; uma abordagem da tradução literária de caráter descritivo e voltada para o texto-meta, além de funcional e sistêmica; e um interesse nas normas e coerções que governam a produção e a recepção de traduções, na relação entre a tradução e outros tipos de reescritura e no lugar e função da literatura traduzida tanto num determinado sistema literário quanto na interação entre literaturas. (HERMANS, 1985, p. 10-11)

[J8] Comentário: Citação direta longa. Coloca-se em parágrafo separado, sem aspas nem itálico, com recuo de 4cm e fonte 10.

Na sua contribuição para a coletânea², André Lefevere já discute o conceito de tradução como reescrita, que será retomado mais adiante neste trabalho.

O então novo paradigma é mais conhecido hoje como os *Descriptive Translation Studies*, ou simplesmente DTS, por se referir ao ramo descritivo dos estudos da tradução “puros” (os quais se opõem aos “aplicados”), segundo o “mapa” da disciplina proposto por James Holmes em seu texto seminal “The Name and Nature of Translation Studies” (1988)³. No entanto, durante um período após a publicação da coletânea *The Manipulation of Literature*, também foi denominado “Manipulation group” ou “Manipulation school”. No prefácio comum às publicações da série Translation Studies da Routledge, que lançou vários títulos nos anos 1990 e depois foi interrompida, Lefevere e Susan Bassnett, que assinam o texto, associam tradução a manipulação quando afirmam que a tradução é uma reescrita de um texto original, e que, como toda reescrita, independentemente da intenção com que foi produzida, reflete uma ideologia e uma poética, manipulando assim a literatura para funcionar na sociedade de uma certa maneira. Segundo os autores,

(re)escrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. As reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos, e a história da tradução é também a história da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra. Mas a reescrita também pode reprimir a inovação, distorcer e controlar, e em uma época de crescente manipulação de todos os tipos, o estudo dos processos de manipulação da literatura, exemplificado pela tradução, pode nos ajudar a adquirir maior consciência a respeito do mundo em que vivemos. (LEFEVERE, 1992, p. vii)

Os integrantes do então chamado “Manipulation group”, em sua maioria egressos da área da literatura comparada, propunham-se a retomar o estudo da tradução literária, sob uma perspectiva não normativa, em uma reação às abordagens tipicamente prescritivas que predominavam desde os primórdios dos estudos de tradução. Embora considerando que a linguística poderia ser muito útil para o estudo de textos não-literários, acreditavam que a orientação formalizadora da disciplina excluía do seu campo de atuação a linguagem literária, considerada “fora dos padrões”, logo, “inacessível à análise científica” (SNELL-HORNBY, 1988, p. 1). No texto de apresentação da coletânea mencionada, intitulado “Translation Studies and a New Paradigm”, Theo Hermans faz as seguintes considerações:

A linguística sem dúvida aumentou nossa compreensão da tradução no que diz respeito ao tratamento de textos não marcados e não literários. Mas na medida em que a disciplina mostrou-se restrita demais para ser útil aos estudos literários em geral — haja vista as tentativas frenéticas observadas nos últimos anos de se construir uma linguística textual — e incapaz de lidar com as inúmeras complexidades das obras literárias, ficou evidente que ela também não poderia fornecer uma base adequada para o estudo das traduções literárias. (1985, p. 10)

O grupo de estudiosos em questão também buscou transcender as fronteiras do sistema da *langue* saussuriana, ampliando o campo de trabalho da tradução de modo a incorporar a cultura, num movimento descrito como a “virada cultural”. Houve, assim, um deslocamento do foco das pesquisas, que deixaram de se voltar para hipotéticas traduções ideais fundadas em juízos de valor e passaram a se concentrar em questões analíticas daqueles textos que, mesmo “imperfeitos” ou sujeitos a críticas, circulam como traduções numa determinada sociedade (cf. GENTZLER, 1993, p. 73). Como descreve Milton (1993), as perguntas formuladas pelos adeptos do novo paradigma

são diferentes das de quem estuda a traduzibilidade de um texto. Ele[s] não perguntar[ão]: “Apreendeu o tradutor A a essência do texto melhor do que o tradutor B?”, mas sim “Quais são as forças literárias que produziram as traduções A e B?”; “Qual é a posição das traduções A e B dentro de sua literatura?”; e “Qual é a relação entre as traduções A e B?” (MILTON, 1993, p. 150)

O modelo descritivista, portanto, substitui a ênfase em aspectos formais pela consideração dos fatores extratextuais e da mediação do leitor na produção do sentido de um texto. O sentido, anteriormente visto como encoberto, à espera de um leitor-decifrador, adquire a característica da instabilidade, em virtude da condição móvel da ambiência circundante. A tradução, por sua vez, é concebida como uma atividade orientada por normas culturais e históricas: a própria escolha dos textos a serem traduzidos, as decisões interpretativas tomadas durante o processo tradutório, e a divulgação, a recepção e a avaliação das traduções são fatores consideravelmente influenciados pelos distintos contextos socioculturais.

André Lefevere parte da teoria dos sistemas, como os demais descritivistas, mas também se abastece no pós-estruturalismo francês, em especial Michel Foucault, na sociologia da literatura e em Siegfried Schmidt (teórico da ciência empírica da literatura). Compartilha das idéias de Even-Zohar e Toury, que priorizam o referencial do polo receptor, “concebendo a tradução como um sistema interagindo com vários outros sistemas semióticos deste polo e como uma força modeladora de sua literatura” (VIEIRA, 1996, p. 138), mas acrescenta-lhes novas dimensões, das quais a mais destacada é a de poder. Lefevere adota o conceito de (poli)sistema como um construto heurístico para o estudo das reescritas e expande o construto teórico de sistema, que passa a designar “um conjunto de elementos interrelacionados que por acaso compartilham certas características que os distinguem de outros elementos não pertencentes ao sistema” (ibid., p. 143).

Lefevere enfatiza o papel dos “agentes de continuidade cultural, do contexto receptor na transformação de textos e criação de imagens de autores e culturas estrangeiras, bem como o da tradução na criação de cânones literários” (ibid., p. 138). Em outras palavras, explicita não só a dimensão das estruturas de poder — a chamada *patronagem*, que será abordada mais adiante — como também a relação de interdependência e influência recíproca entre as traduções e as culturas receptoras.

Entre os pressupostos de sua reflexão, destaca-se o conceito de tradução como *reescrita*, que se refere ao resultado de uma complexa articulação do sistema literário com outras práticas institucionalizadas e outras formações discursivas (religiosas, étnicas, científicas) (LEFEVERE; BASSNETT, 1990, p. 13). Na Introdução à coletânea de artigos *Translation, History and Culture*, por eles organizada, Lefevere e Susan Bassnett afirmam que “a tradução é uma das muitas formas sob as quais as obras de literatura são reescritas” (1990, p. 10), incluindo-se entre as outras formas as resenhas, a crítica, a historiografia literária, as antologias e as transposições para outros sistemas

semióticos, como, por exemplo, o cinema, a televisão e o teatro. As reescritas, portanto, produzem novos textos a partir de outros já existentes, garantindo, assim, a sobrevivência das obras literárias, e contribuem para construir a “imagem” de um autor e/ou de uma obra literária (ibid., p. 10).

Em seu texto “Translation: Its Genealogy in the West” (1990) o estudioso fornece um abrangente relato do papel das traduções, assim resumido por Else Vieira:

Dentre os seus papéis, a tradução preenche uma necessidade, pois o público terá acesso ao texto; permite a expansão de uma língua; confere autoridade a uma língua; introduz novos recursos na literatura receptora; pode constituir uma ameaça à identidade de uma cultura; pode ser usada como meio de subversão de autoridade; pode exercer um papel importante na luta entre ideologias rivais ou poéticas rivais; pode conferir uma certa imunidade na medida em que os ataques à poética dominante podem passar como traduções; pode conferir a autoridade inerente a uma língua de autoridade a um texto originalmente escrito em outra língua que não a tem; por um efeito cumulativo, a tradução estabelece um cânone translingüístico e transcultural. (1996, p. 146)

Para o teórico, o sistema literário e o sistema social influenciam-se reciprocamente e operam sob um mecanismo de controle constituído por dois fatores, sendo um interno e o outro externo ao sistema literário. O fator interno trabalha de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo segundo fator, e é representado por intérpretes, críticos, professores de literatura e tradutores — enfim, por reescritores em geral. A ação do mecanismo de controle interno (ou seja, dos agentes de reescrita) pode ser no sentido tanto de reprimir certas obras que contrariam as concepções de literatura (poética) e de mundo (ideologia) predominantes numa dada sociedade, num dado momento, quanto de adaptar as obras literárias de modo a fazê-las corresponder à poética e à ideologia da sua época (LEFEVERE, 1985, p. 226).

O segundo fator de controle percebido por Lefevere, que opera basicamente fora do sistema literário, é a mencionada patronagem, termo que designa “os poderes (pessoas, instituições) que auxiliam ou impedem a escrita, a leitura e a reescrita da literatura” (ibid., p. 227). De modo geral, a patronagem se interessa mais pela ideologia da literatura do que pela sua poética, deixando esta por conta dos reescritores aos quais delega autoridade. A estrutura de poder consiste em três elementos, que interagem de várias formas: o componente ideológico (papel de qualquer tipo de censura, por exemplo), o econômico (papel do mecenato, dos reis, de agências governamentais) e o de prestígio, ou *status* (a aceitação da patronagem é sinal de integração a uma elite, por exemplo) (ibid., p. 227). A patronagem pode ser exercida por pessoas isoladamente, coletivamente, editores e a mídia, que normalmente atuam através de instituições que regulam a escrita e a disseminação da literatura: academias, órgãos de censura, suplementos de crítica e o sistema educacional. Além disso, ela pode ser diferenciada ou não-diferenciada.

A patronagem é diferenciada quando o sucesso econômico é relativamente independente de fatores ideológicos e nem sempre vem acompanhado de *status* literário, como podem atestar muitos autores de *best-sellers* contemporâneos (LEFEVERE, 1992, p. 17). O segundo caso ocorre quando os três componentes da patronagem — o ideológico, o econômico e o de *status* — são dispensados pelo mesmo patrono, que pode ser um estado totalitário ou um monarca (muito comum no passado). Em sistemas com patronagem não-diferenciada, os esforços dos patronos serão basicamente voltados para a manutenção da estabilidade do sistema social (i.e., cultural) como um todo, e a produção literária aceita e promovida por esse sistema também deverá contribuir para

tal fim (outras correntes serão vistas como “dissidentes”) (1992, p. 17). A aceitação da patronagem implica que autores e reescritores devem trabalhar dentro dos parâmetros estabelecidos por seus patronos e devem procurar legitimar tanto o status como o poder destes, o que pode ser feito, por exemplo, por meio de odes e panegíricos (ibid., p. 18).

Lefevere refletiu bastante sobre a patronagem, desvelando minuciosamente seus mecanismos de funcionamento e possíveis impactos sobre os sistemas literários — e, conseqüentemente, sobre os sistemas sociais que os abrigam. Para ele, o leitor contemporâneo é exposto à literatura como esta foi (ou é) reescrita por leitores profissionais, em resumos, antologias, histórias literárias, dentre outros gêneros, de acordo com diferentes injunções de ordem poética e político-ideológica.

O trabalho de Lefevere desde meados da década de 1980 até seu falecimento, no início de 1996, foi marcado pela preocupação de descrever a articulação do sistema de reescritas com as estruturas de poder e os agentes de continuidade em uma cultura. Com isso, introduziu mais um elemento de extrema importância, que é o político. Suas ideias com respeito à interação da tradução com a cultura e suas estruturas de poder são fundamentais para se entender o papel das editoras e das instituições que, através de incentivo e patrocínio, interferem nas decisões editoriais e na implementação de políticas culturais.

Lawrence Venuti e a teoria da invisibilidade do tradutor

No prefácio à coletânea *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology* (1992), por ele organizada, e em especial no livro *The Translator's Invisibility: A History of Translation* (1995, segunda edição em 2008), um divisor de águas no pensamento contemporâneo sobre a tradução, o tradutor e teórico norte-americano Lawrence Venuti preocupa-se em denunciar a atual situação de invisibilidade do tradutor nas culturas britânica e norte-americana. No capítulo intitulado “Invisibility”, o autor afirma que o objetivo do livro é “tornar o tradutor mais visível, de modo a combater e mudar as condições sob as quais a tradução é teorizada, estudada e praticada hoje, particularmente em países de língua inglesa” (2008, p. 13). A ideia da invisibilidade diz respeito a pelo menos dois fenômenos que se determinam mutuamente: (i) um efeito de transparência no próprio discurso, fruto da manipulação da língua de tradução feita pelo tradutor, levando os leitores a encararem a tradução de um texto estrangeiro como se este houvesse sido originalmente escrito na língua-meta; e (ii) o critério segundo o qual as traduções são produzidas e avaliadas, o que faz com que uma tradução seja considerada boa quando sua leitura é fluente, “quando a ausência de peculiaridades linguísticas ou estilísticas a faz parecer transparente, dando a impressão de refletir a personalidade ou a intenção do autor estrangeiro ou a essência do sentido do texto de partida” — em outras palavras, dando a impressão de não ser de fato uma tradução mas, sim, o próprio “original” (2008, p. 2). O efeito de transparência camufla as numerosas condições sob as quais a tradução é produzida, a começar pela intervenção crucial do tradutor. “Quanto mais fluente a tradução, mais invisível se torna o tradutor — e, como é lícito supor, mais visível o autor do texto estrangeiro ou o significado deste” (2008, p. 1). Para Venuti, um texto (traduzido) fluente é aquele que apresenta características como sintaxe linear, sentido unívoco (ou ambigüidade controlada) e linguagem atual, que emprega — no caso das culturas britânica e norte-americana — o inglês padrão e evita polissemia, arcaísmos, gírias, jargões, mudanças abruptas de tom ou dicção e outras soluções que chamem a atenção para a materialidade da língua, para a opacidade das palavras.

Venuti argumenta que a invisibilidade do tradutor,

portanto, é em parte um efeito estranho de sua manipulação da língua, um auto-aniquilamento que resulta do próprio ato da tradução como ele é concebido e praticado hoje [...]. Entretanto, os tradutores não podem senão se opor a esta invisibilidade, não apenas porque ela constitui uma mistificação de todo o projeto da tradução, mas também porque ela parece estar relacionada ao baixo status ainda atribuído ao seu trabalho. (1995, p. 111-112)

O teórico atribui essa marginalidade da tradução e dos tradutores, invisíveis em duas frentes, uma textual, ou estética, e a outra, socioeconômica, a uma concepção de autoria essencialmente romântica: “A hierarquia de práticas culturais que coloca a tradução em último lugar é fundamentada na teoria romântica e projeta uma metafísica platônica do texto, distinguindo entre a cópia autorizada e o simulacro que se desvia do autor” (VENUTI, 1992, p. 3). A estratégia de fluência que ele tanto critica e que, a seu ver, predomina no sistema cultural anglo-americano busca apagar a intervenção do tradutor no texto traduzido e anula a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro. Este é reescrito no discurso transparente que predomina na cultura receptora e é revestido de valores, crenças e representações sociais dessa cultura. No processo de reescrita, a busca da fluência realiza um trabalho de aculturação que domestica o texto estrangeiro, tornando-o inteligível (no sentido de acessível, familiar) para o leitor do texto traduzido, propiciando-lhe a experiência narcisista de reconhecer a sua própria cultura em um Outro cultural, em uma atitude imperialista (cf. VENUTI, 1992, p. 5). Para contrapor-se a ela, Venuti propõe o recurso da “fidelidade abusiva”, que implica uma rejeição da fluência que domina a tradução contemporânea em prol de uma estratégia oposta, de resistência, que impede o efeito ilusionista de transparência no texto traduzido e torna visível o trabalho do tradutor, que tem função política e cultural, e ajuda a preservar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro ao produzir traduções estranhas, pouco familiares, que demarcam os limites dos valores dominantes na cultura da língua-meta e que evitam que esses valores promovam uma domesticação imperialista do Outro (cf. VENUTI, 1992, p. 12-13).

Na sua discussão a respeito da invisibilidade, Venuti retoma os dois tipos de estratégia tradutória delineados por Friedrich Schleiermacher na célebre conferência *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens* [Sobre os diferentes métodos de tradução], de 1813. Segundo Schleiermacher, o “verdadeiro tradutor, aquele que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor” (2001, p. 43), pode tomar dois caminhos: ou “deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele” (ibid., p. 43). Em seu texto, o pensador alemão faz referência ao “primeiro” e ao “segundo” método, sem atribuir-lhes uma designação, e defende o primeiro, que promove o distanciamento entre leitor da tradução e autor do original, como o mais adequado para a tradução. Para ele, o segundo método, de aproximação, “não exige nenhum empenho e esforço de seu leitor [e] por magia lhe transfere o autor estrangeiro para seu presente imediato e [...] quer lhe mostrar a obra assim como ela seria, se o autor mesmo a tivesse escrito originalmente na língua do leitor” (ibid., p. 63). Quase dois séculos depois, em um contexto de hegemonia cultural anglo-americana que traz, entre outras consequências, uma baixa demanda de traduções de literatura ficcional para a língua inglesa, Venuti acrescenta um componente ideológico aos dois métodos de Schleiermacher e os denomina *estrangeirização* (o método de distanciamento, que leva o leitor da tradução até o autor do original), e *domesticação* (o que aproxima o autor do original do leitor da tradução por meio da estratégia de fluência, descrita no início desta seção).⁴ Assim como

Schleiermacher, Venuti também preconiza o método de distanciamento, mas por motivos políticos, ao recomendar seu emprego como forma de resistir ao predomínio das estratégias domesticadoras na cultura tradutória de língua inglesa. Para ele, a domesticação envolve “uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores da cultura receptora” (2008, p. 15), produzindo traduções estilisticamente transparentes, fluentes e “invisíveis”, com o objetivo de minimizar o caráter estrangeiro do texto traduzido (MUNDAY, 2001, p. 146). A estrangeirização, por sua vez, impõe uma “pressão etnodesviante sobre tais valores [da cultura receptora] para registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro” (VENUTI, 2008, p. 15). A adoção desse método leva à seleção de textos estrangeiros e de estratégias tradutórias normalmente excluídas pelos valores culturais dominantes na língua de tradução (VENUTI, 1998, p. 242), combatendo, assim, a ideologia domesticadora do mundo anglófono. Por isso mesmo Venuti também se refere ao método estrangeirizante como uma estratégia de “resistência”, por ser um estilo de tradução que foge à fluência e cria distanciamento, com vistas a tornar visível a presença do tradutor ao ressaltar a identidade estrangeira do texto-fonte e resguardá-la da dominação ideológica da cultura receptora. Como relatado em Pessoa (2009, p. 27), essa estratégia propõe, na prática, a produção de um texto que se desvie, em termos formais, das normas literárias anglo-americanas. Assim, é preciso recorrer a variações da forma linguística mais familiar, do dialeto padrão ou das formas coloquiais mais comuns, tanto em termos de léxico como de sintaxe, para deixar o leitor ciente de que está lendo uma obra traduzida.

Para Venuti,

[o] “estrangeiro”, na tradução estrangeirizadora, não é uma representação transparente de uma essência que reside no texto estrangeiro e que tenha valor em si, mas uma construção estratégica cujo valor depende da situação em vigor na cultura receptora. A tradução estrangeirizadora mostra as diferenças do texto estrangeiro, porém somente por meio da ruptura dos códigos culturais que prevalecem na cultura-alvo. No empenho de fazer o que é próprio à cultura de partida, essa prática tradutória deve fazer o que é impróprio à cultura de chegada, desviando-se o suficiente das normas para apresentar uma experiência de leitura estranha — escolhendo para traduzir um texto estrangeiro excluído pelos cânones literários da cultura receptora, por exemplo, ou usando um discurso marginal para traduzi-lo. (2008, p. 15-16)⁵

Três anos depois de *The Translator's Invisibility* Venuti lança *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference* (Routledge, 1998)⁶, em que retoma e aprofunda as reflexões desenvolvidas em seu livro anterior, com base em estudos de caso detalhados, reiterando a defesa de uma prática estrangeirizadora, de resistência, de modo a cultivar um discurso variado e heterogêneo, e explicitando seu projeto de tradução “minorizante”. Utilizando-se de conceitos e reflexões de autores como Jean-Jacques Lecercle, Gilles Deleuze e Felix Guattari, como *resíduo* e *desterritorialização*, Venuti justifica sua atração pelas literaturas menores em seus projetos de tradução, dizendo que prefere traduzir textos estrangeiros que apresentam “status de minoridade em suas culturas, uma posição marginal em seus cânones nativos — ou que, em tradução, possam ser úteis na minorização do dialeto-padrão e das formas culturais dominantes no inglês americano” (2002, p. 26). No entanto, faz questão de frisar que essa preferência provém parcialmente de uma agenda política de oposição à hegemonia global do inglês, uma vez que a “ascendência econômica e política dos Estados Unidos reduziu as línguas e as culturas estrangeiras a minorias” em relação à sua própria língua e cultura (ibid., p. 26). Para ele, “[a] boa tradução é a minorização: libera o resíduo ao

cultivar o discurso heterogêneo, abrindo o dialeto-padrão e os cânones literários para aquilo que é estrangeiro para eles mesmos, para o subpadrão e para o marginal” (ibid., p. 28).⁷ Descreve o objetivo da tradução minorizante como sendo “nunca erguer um novo padrão ou estabelecer um novo cânone, mas, ao contrário, promover inovação cultural” (ibid., p. 27). Pode-se dizer, então, que nesse aspecto Venuti se distancia de Schleiermacher, na medida em que a estratégia de estranhamento preconizada pelo teórico alemão visava o enriquecimento da língua e da literatura alemãs, enquanto que a prática estrangeirizadora e o projeto minorizante do norte-americano têm como objetivo abalar o domínio global do inglês.

Um outro aspecto importante de *The Scandals of Translation*, anunciado no próprio título, é a ênfase dada a questões e situações relacionadas à tradução classificadas pelo autor como “escândalos”, que podem ser de natureza cultural, econômica e política. Diz o autor que “[a] pressuposição inicial deste livro é talvez o maior escândalo da tradução: assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora” (2002, p. 15). A tradução, ele aponta, “é estigmatizada como uma forma de escrita, desencorajada pela lei dos direitos autorais, depreciada pela academia, explorada pelas editoras e empresas, organizações governamentais e religiosas” (ibid., p. 10). Mas, a seu ver, a maior fonte potencial de escândalo relacionado à tradução é a formação de identidades culturais, visto que “a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras” (ibid., p. 130), representações essas que espelham valores estéticos da cultura de recepção. Como argumenta no capítulo 4, intitulado “A formação de identidades culturais”, a seleção de textos para tradução por parte da cultura receptora desistoriza a obra estrangeira, ao destacá-la das tradições literárias que lhes conferem importância, e a reescreve de acordo com estilos e temas que, num dado momento, prevalecem na cultura receptora (ibid., p. 130). Além disso, ressalta que os padrões tradutórios podem fixar estereótipos e formar atitudes domésticas com relação a culturas estrangeiras, “excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço de agendas domésticas” e estigmatizando ou valorizando etnias, raças e nacionalidades específicas. Tais atitudes podem gerar “respeito pela diferença cultural ou aversão baseada no etnocentrismo, racismo ou patriotismo” (ibid., p. 130).

No entanto, para o teórico, ao mesmo tempo que tem esse poder de transportar atitudes ideológicas, a tradução pode ser usada como uma ferramenta de resistência ao apagamento de diferenças culturais, sendo que o seu estudo pode ser uma forma de revelar essas atitudes e de incentivar que se use o processo tradutório para desafiar posturas hegemônicas diante da sociedade e da cultura. Essa função de resistência, que decorre de uma ética da diferença, pode ser colocada em prática por meio de projetos tradutórios que consigam alterar “a reprodução das ideologias e instituições domésticas dominantes que proporcionam uma representação parcial das culturas estrangeiras e marginalizam outras comunidades domésticas” (VENUTI, 2002, p. 158). Esse tipo de projeto, segundo Venuti, leva o tradutor a distanciar-se das normas culturais domésticas que governam o processo tradutório de formação de identidades bem como das práticas institucionais que sustentam essas normas, “chamando atenção para o que elas permitem e limitam, admitem e excluem no encontro com os textos estrangeiros” (ibid., p. 158).

Há que se observar que a estratégia de estrangeirização tem sido objeto de críticas, em relação tanto ao aspecto formal quanto ao ideológico. Com respeito ao primeiro, o método defendido por Venuti é muitas vezes interpretado como a defesa de um texto truncado, pouco artístico, facilmente classificável como uma “má tradução”. No entanto, em *The Scandals of Translation* o teórico tem o cuidado de ressaltar que

[u]m projeto tradutório pode se distanciar das normas domésticas a fim de evidenciar a estrangeiridade do texto estrangeiro e criar um público-leitor mais aberto a diferenças linguísticas e culturais, mas sem ter que recorrer a experiências estilísticas que são tão alienadoras a ponto de causarem o próprio fracasso. O fator-chave é a ambivalência do tradutor em relação às normas domésticas e às práticas institucionais nas quais elas são implementadas, uma relutância em identificar-se completamente com elas aliada a uma determinação em dirigir-se a comunidades culturais diversas, elitizadas e populares. (2002, p. 166)

Em relação ao aspecto ideológico, as críticas formuladas têm como alvo a convocação feita aos tradutores para opor resistência à hegemonia do inglês. Do ponto de vista de nações e línguas não-hegemônicas, tradicionalmente consumidoras de traduções, uma excessiva abertura ao estrangeiro pode levar a uma descaracterização do que é nacional, peculiar à cultura receptora, e a uma decorrente perda de identidade.⁸

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi apresentar, em linhas gerais, o pensamento de dois expoentes dos Estudos da Tradução contemporâneos. Os conceitos de reescrita e patronagem de André Lefevere e a preocupação com a invisibilidade do tradutor de Lawrence Venuti, bem como o seu projeto de tradução minorizante, formulados originalmente nas últimas décadas do século XX e, no caso do teórico norte-americano, posteriormente aprofundados e atualizados, continuam sendo extremamente influentes no campo dos estudos sobre a tradução. Embora os dois estudiosos trilhem caminhos teóricos bem distintos, compartilham alguns pressupostos importantes, como, por exemplo, uma visão pós-estruturalista de mundo de linguagem; a existência de uma estreita interação entre a tradução e as práticas econômicas, os sistemas de patronagem e as forças atuantes no desenvolvimento da indústria editorial; e a crença de que o texto traduzido também tende a ser sobredeterminado por várias ideologias, estéticas e políticas. Em um momento no qual — em parte devido à influência dos estudos culturais — tende-se a valorizar as teorizações engajadas, as ideias de Lefevere e sobretudo de Venuti mostram-se sintonizadas com essa expectativa.

¹ Tradução minha, assim como as demais citações extraídas de originais em inglês sem indicação de tradutor.

² “Why Waste Our Time On Rewrites?: The Trouble With Interpretation and the Role of Rewriting in an Alternative Paradigm” (p. 215-242).

³ O texto reproduz um trabalho apresentado em 1972, subárea de tradução do III Congresso Internacional de Linguística Aplicada, realizado em Copenhague.

⁴ No capítulo intitulado —Nationl de *The Translator’s Invisibility* (1995), Venuti faz uma análise detalhada das ideias de Schleiermacher.

⁵ Trad. de Mariluce F. C. Pessoa (PESSOA, 2009, p. 27).

⁶ A tradução brasileira foi publicada em 2002, pela Editora da Universidade do Sagrado Coração (Bauru, SP).

⁷ Para um estudo detalhado desse projeto, apresentado em VENUTI, 2002, p. 30-45, ver CASTRO, 2007, cap. 6, p. 91-103.

⁸ Para uma análise aprofundada da teoria da invisibilidade de Venuti, ver FROTA, M. P. *A singularidade na escrita tradutora*. Campinas: São Paulo, 2000. Capítulo II: Lawrence Venuti e a teoria da (in)visibilidade do tradutor, p. 71-136.

Referências Bibliográficas

- BASSNETT (Mc-GUIRE), S. *Translation Studies*. Second Edition. London/New York: Routledge, 1991.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. (Orgs.). *Translation, History and Culture*. London: Pinter, 1990.
- CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.
- CASTRO, M. de S. *Tradução, ética e subversão: desafios práticos e teóricos*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, PUC-Rio. Disponível em <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>
- DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. (Orgs.). *Tradutores na história*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.
- EVEN-ZOHAR, I. Polysystem Studies: Introduction; The Position of Translated Literature in the Literary Polysystem. *Poetics Today*, v. 1, n. 1, 1997 [1990]. Disponível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>, acesso em 25/05/2010.
- GENTZLER, Edwin. *Contemporary Translation Theories*. London/New York: Routledge, 1993.
- HERMANS, T. Translation Studies and a New Paradigm. In: _____ (Org.) *The Manipulation of Literature*. London: Croom Helm, 1985. p. 7-15.
- _____. *Translation in Systems*. Descriptive and System-oriented Approaches Explained (Series: Translation Theories Explained 7). Manchester: St. Jerome, 1999.
- HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: _____. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies* (Approaches to Translation Studies 7). Amsterdam: Rodopi, 1988, p. 66-80.
- LEFEVERE, A. Why waste our time on rewrites? The trouble of interpretation and the role of rewriting in an alternative paradigm. In: HERMANS, Theo (Ed.) *The manipulation of literature: Studies in literary translation*. London: Croom Helm, 1985. p. 215-243.
- _____. Translation: Its Genealogy in the West. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (Eds.) *Translation, History and Culture*. London: Pinter, 1990. p. 14-28.
- _____; BASSNETT, S. Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights. The —Cultural Turn in Translation Studies. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (Eds.) *Translation, History and Culture*. London: Pinter, 1990. p. 1-13.
- _____. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London/New York: Routledge, 1992.
- MILTON, J. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- PESSOA, M. F. C. *O paratexto e a visibilidade do tradutor*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, PUC-Rio. Disponível em <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>
- SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da Tradução*:

antologia bilíngüe, v. I, alemão-português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. p. 26-87.

SNELL-HORNBY, M. *Translation Studies - An Integrated Approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.

_____. *The Turns in Translation Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

VENUTI, L. Introduction. In: _____ (Org.). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London/New York: Routledge, 1992. p. 1-17.

_____. A invisibilidade do tradutor. Trad. Carolina Alfaro. *PaLavra* 3, p. 111-134, 1995. Tradução de The Translator's Invisibility. *Criticism*, Wayne State UP, v. XXVIII, n. 2, p. 179-212, Spring 1986.

_____. Strategies of Translation. In: BAKER, Mona (Ed.) *Routledge Encyclopaedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 1998, p. 240-244.

_____. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London/New York: Routledge, 2008 (1a. edição em 1995).

VIEIRA, E. R. P. André Lefevere: a teoria das refrações e da tradução como reescrita. In: _____ (Org.) *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 1996. p. 138-150.

Abstract: This article outlines the ideas of two major theoreticians of contemporary Translation Studies: André Lefevere and Lawrence Venuti. Special emphasis is given to the notions of rewriting and patronage developed by Lefevere, and to Venuti's concern with the translator's invisibility, together with his project of minoritizing translation. Although these two scholars follow distinct theoretical paths, they share some key assumptions, such as a post-structuralist view of the world and of language, as well as the perception that there is a close connection between translation and economic practices, patronage systems and the forces active upon the development of the book industry.

Keywords: Theories of translation, rewriting, patronage, invisibility, André Lefevere, Lawrence Venuti.